

## Mario Vargas Llosa e as ficções do liberalismo



Por **MARIANA EL KHOURY OLIVEIRA & ANDRÉ KAYSEL\***

*A dualidade entre o legado literário e político-intelectual de Vargas Llosa – a interseção entre suas obras e suas escolhas políticas*

### 1.

O falecimento do escritor peruano Mario Vargas Llosa (1936-2025) no último dia 13 de abril o trouxe novamente à cena em dois personagens, um literário e outro político. Acompanhando as repercussões no debate público, fica-se com a impressão de que quando um se apresenta, o outro está na coxia, como um gêmeo oculto. Aqui nos dedicaremos, justamente, a unificar os personagens que o laureado com o Nobel de Literatura de 2010, seus apologetas e mesmo alguns de seus críticos buscaram incessantemente separar.

Os holofotes atingem sua face especialmente na crítica literária e em seu ríspido ataque a seu compatriota, o escritor indigenista José María Arguedas (1911-1969), em sua obra *La utopia arcaica: José María Arguedas y las ficciones del indigenismo* (1996) que parafraseamos neste título.

Pouco mais de um quarto de século após a morte de Arguedas, Vargas Llosa publicou a análise acima citada do conjunto de sua obra, sublinhando alguns aspectos biográficos e seu comprometimento político com os povos indígenas da serra peruana que são de grande importância para seus romances, como *Los Ríos Profundos* (1958) e *Todas Las Sangres* (1965), entre outros.

Categorizando-o como um apêndice do indigenismo,<sup>[i]</sup> classificação rejeitada pelo próprio José María Arguedas em seus ensaios, Vargas Llosa renega o valor estético de sua prosa, que conteriam “una visión de la literatura en la que lo social prevalecía sobre lo artístico y en cierto modo lo determinaba”.<sup>[ii]</sup> Para ele, José María Arguedas teria chegado “hasta el sacrificio de su talento” em búsqueda de una “mímica revolucionaria”.<sup>[iii]</sup> Podemos apreender, portanto, que Vargas Llosa via a conexão entre política e literatura não apenas como uma escolha errônea, mas como uma rejeição da dimensão artística na literatura engajada. Aqui se repõe uma questão fundamental: é possível que exista a arte sem que sejam perceptíveis algumas inflexões políticas de quem a produziu?

Nas elegias e homenagens à Vargas Llosa, essa separação aparece tão clara quanto o era para ele. Por exemplo, em um artigo publicado no diário espanhol *El país*,<sup>[iv]</sup> no qual o autor manteve por quase três décadas uma coluna quinzenal, seis escritores peruanos dividiram suas opiniões entre o “legado literário” e o “legado político-intelectual”. A completa cisão se disseminou entre seus leitores e mesmo entre seus críticos, como se o escritor não guardasse nenhuma semelhança com seu gêmeo oculto, o político. O que estamos propondo é um ponto de vista que, reconhecendo a grandeza de seus

romances, incorpore também suas escolhas em torno de seus temas, de suas polêmicas e de seus alinhamentos políticos.

## 2.

Quando se tratava de tomar posições públicas, Vargas Llosa nunca foi um autor vacilante. Durante a década de 1960, foi defensor das experiências socialistas, em especial da Revolução Cubana (1959), tendo visitado a ilha em 1962, em plena crise dos mísseis.<sup>[vi]</sup> No Peru, deu apoio às reformas de base da ditadura da Junta Militar, representada pelo general Juan Velasco Alvarado (1968-1975), como a reforma agrária, a nacionalização das minas e de outras empresas estratégicas.

Nesse período, o autor publicou suas três primeiras e principais obras: *La ciudad y los perros* (1962), *La casa verde* (1966) e *Conversaciones en la Catedral* (1969). Representante do *boom* latino-americano, apesar de escrevê-los desde a Europa, seus romances tinham como palco a sociedade peruana. Vargas Llosa organiza através da literatura o Peru fragmentado e corrupto, utilizando-se de narrativas complexas, combinando temporalidades e personagens distintas para a elaboração de relatos que compõem seus livros.

O encantamento com o regime da ilha começou a se desfazer, em sintonia com diversos intelectuais latino-americanos, devido à invasão soviética da Tchecoslováquia em 1968 (mesmo ano em que Vargas Llosa pisou em solo soviético<sup>[vii]</sup>), e o apoio dado por Fidel Castro à intervenção que liquidou o experimento democratizante da chamada “primavera de Praga”. Para arrematar a fratura com a Revolução Cubana, deu-se a prisão do jornalista e escritor Herberto Padilla pelo regime, em 1971.

Mas, ao contrário de outros signatários dos manifestos em defesa de Herberto Padilla, como seu colega argentino Julio Cortázar, os franceses Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir ou o estadunidense Noam Chomsky, o escritor peruano levou sua divergência às últimas consequências, rompendo com o horizonte socialista e às esquerdas em geral.

Na década de 1980, passou a defender abertamente as ideias neoliberais de Friedrich von Hayek, liderou a oposição de direita ao governo do aprista Alan García (1985-1990) e escreveu o prólogo ao livro *El otro Sendero* (1988), de seu compatriota Hernando de Soto, que responsabilizava o Estado pelos males que afligiam tanto o Peru, como a América Latina em seu conjunto, preconizando como saída reformas de livre-mercado que impulsionassem o empreendedorismo popular, contido nos setores ditos informais: “*La opción de los ‘informales’ - la de los pobres - no es el refuerzo y la magnificación del Estado sino su radical disminución. No es el colectivismo planificado y regimentado sino devolver al individuo, a la iniciativa y a la empresa privadas, la responsabilidad de dirigir la batalla contra el atraso y la pobreza*”<sup>[viii]</sup>. Assim, a ruptura com o socialismo levou ao extremo oposto: as ficções do liberalismo, de uma “ordem social espontânea”, baseada na livre-iniciativa individual.

## 3.

Desse modo, o que criticou em José María Arguedas estava também presente em si mesmo. Ao criticar a “utopia arcaica” de José María Arguedas, que buscava vincular a identidade nacional peruana às populações andinas e sua cosmovisão, Vargas Llosa apresenta a sua própria utopia: a utopia da modernidade capitalista. O foco dado às narrativas que negam a mágica contida na experiência andina, que negam a coletividade e qualquer possibilidade de persistência desse ponto de vista no mundo moderno, calcado em uma racionalidade individualista, apontam para sua concepção sobre seu país, o continente e o mundo. Isso não significa, ao contrário do que o próprio Vargas Llosa pontificou em sua análise sobre José María Arguedas, uma rejeição estética e artística de sua literatura, mas adiciona um conteúdo político às suas obras.

Retornando ao problema do indigenismo, na matéria acima citada de *El país*, o escritor Juan Manuel Robles, em uma

apreciação em geral bastante positiva, conclui afirmando que Vargas Llosa foi incapaz de compreender as populações indígenas dos Andes e de simpatizar com suas manifestações. Isso já se evidenciava em seu relatório, produzido por encomenda do governo peruano sobre os assassinatos de jornalistas na comunidade de Uchuraccay (1983), em meio ao conflito interno armado entre o Estado peruano e o grupo maoísta extremista Sendero Luminoso, em que responsabilizou os *comuneros* “pouco lúcidos” pelas mortes<sup>[viii]</sup>.

A linguagem de cunho colonial utilizada por Vargas Llosa em seu figurino político-intelectual para a caracterização destes camponeses – que, vale salientar, não aparecem em seus romances –, reflete ainda outro aspecto: a valorização do legado colonial ibérico, associado ao pertencimento a um “Ocidente atlântico”, resgatando a velha chave “civilização” versus “barbárie” do liberalismo latino-americano do século XIX<sup>[ix]</sup>. Desse modo, não é de se estranhar que o escritor peruano, que desde 1993 também era cidadão espanhol, tenha aceito de bom grado em 2011 o título de Marquês por parte do então monarca, Juan Carlos I de Bourbon y Bourbon.<sup>[x]</sup>

Cerca de quarenta anos mais tarde, o escritor recebeu em 2023 a condecoração da Ordem do Sol no grau de Grande Colar<sup>[xi]</sup> da Presidenta interina do Peru, Dina Boluarte, cuja ascensão em 2022, na esteira da destituição de Pedro Castillo, havia levado à morte de cerca de 50 pessoas, especialmente na região andina de Puno, que protestavam contra o novo governo. Por que o autor de *La guerra del fin del mundo* (1981), foi capaz de empatizar com sertanejos brasileiros do final do século XIX, mas avaliza o massacre de seus concidadãos indígenas no século XXI?

Possivelmente a resposta resida no fato de que, nas ficções liberais por ele abraçadas, não existam falas para essas personagens, salvo talvez sob a fantasia de “empreendedores” nos bairros populares de Lima, na realidade um precariado que procura arrancar a sobrevivência no dia-a-dia de uma metrópole caótica.

Enfim, no último ato, as personagens de Vargas Llosa aparecem reunificadas, demonstrando a inexistência de um gêmeo oculto nas coxias. Emancipado do figurino, o ator é o mesmo. Perceber a carga política de seus romances não significa reduzi-los a este aspecto ou subtrair sua importância, mas complexificá-los.

**\*Mariana El Khoury Oliveira** é doutoranda em Ciência Política na Unicamp.

**André Kaysel** é professor do Departamento de Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Autor, entre outros livros, de *Entre a nação e a revolução* (Alameda). [<https://amzn.to/4bBbu4P>]

## Notas

---

<sup>[i]</sup> Corrente literária e política peruana do século XX calcada na valorização da cultura indígena-andina. Além do próprio Arguedas, entre seus principais representantes estão a escritora feminista Clorinda Matto de Turner (1852-1909), o poeta e ensaísta anarquista Manuel González Prada (1844-1918), o etnólogo Luís E. Valcarcel (1891-1987), o jornalista e militante socialista José Carlos Mariátegui (1894-1930), os romancistas Ciro Alegría (1909-1967) e Manuel Scorza (1928-1983). Para uma visão sintética sobre a relação entre indigenismo e cultura de esquerda no Peru, cf. RENIQUE, José Luís. *A Revolução Peruana*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

<sup>[ii]</sup> VARGAS LLOSA, Mario. *La utopía arcaica: José María Arguedas y las ficciones del indigenismo*. Madrid: Alfaguara, 1996, p. 17.

<sup>[iii]</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>[iv]</sup> “O legado literário e político-intelectual de Vargas Llosa”, por Naiara Galarraga Gortázar e David Marcial Pérez, publicado em *El País*, 13 de abril de 2025. Disponível em <<https://elpais.com/cultura/2025-04-15/el-legado-literario-y-politico-intelectual-de-vargas-llosa-en-palabras-de-sus-otros-hu-erfanos-el-me-convirtio-en-escriptor.html>>.

<sup>[v]</sup> “A bizarra guinada à direita de Mario Vargas Llosa”, por Martín Ribadero, publicado na Revista *Jacobin* em 2024. Disponível em <<https://jacobin.com.br/2024/06/a-bizarra-guinada-a-direita-de-mario-vargas-llosa/>>.

<sup>[vi]</sup> Idem, Ibidem.

<sup>[vii]</sup> VARGAS LLOSA, Mario. “Prólogo”. In DE SOTO, Hernando. *El otro Sendero*. Lima: El Barranco, 1986, p. XXVI.

<sup>[viii]</sup> Informe sobre Uchuraccay, escrito para a Comissão da Verdade e Reconciliação. Disponível em <[https://www.verdadyreconciliacionperu.com/admin/files/libros/376\\_digitalizacion.pdf](https://www.verdadyreconciliacionperu.com/admin/files/libros/376_digitalizacion.pdf)>.

<sup>[ix]</sup> GIMÉNEZ, María Julia. “Em La Antesala de La Iberosfera: un mapeo de la participación de la derecha española en las redes de think-tanks liberales y la actuación en clave atlantista”. *E-L@tina - Revista Electrónica de Estudios Latinoamericanos*. Vol. 23, No. 91, p. 251, 2025.

<sup>[x]</sup> Evidenciado no texto de Luis Felipe Miguel, “Vargas Llosa: gênio e canalha”. Disponível em <[https://lfmiguel.substack.com/p/vargas-llosa-genio-e-canalha?utm\\_source=share&utm\\_medium=android&r=2ae1j9&triedRedirect=true](https://lfmiguel.substack.com/p/vargas-llosa-genio-e-canalha?utm_source=share&utm_medium=android&r=2ae1j9&triedRedirect=true)>.

<sup>[xi]</sup> “Peru: Vargas Llosa critica governos que defendem Castillo”, publicado na Folha de S. Paulo em 2023. Disponível em <[www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/03/mario-vargas-llosa-critica-governos-que-questionam-legitimidade-de-dina-no-peru.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/03/mario-vargas-llosa-critica-governos-que-questionam-legitimidade-de-dina-no-peru.shtml)>.

O site **A Terra É Redonda** não contém anúncios ou financiamento, ele **mantém-se exclusivamente da doação de seus leitores e apoiadores**. Para prosseguir no trabalho de fazer circular as ideias, precisa da sua ajuda.  
Clique aqui e veja como **contribuir** periodicamente ou com qualquer outro valor